

Lucimara Leite

**A construção da imagem
feminina, no século XIX, a
partir da ascensão da
burguesia**

Resumo

O texto aborda a construção da imagem do feminino a partir das transformações sociais ocorridas nos séculos XVIII e XIX. Para isso, leva-se em consideração a influência dos textos românticos, principalmente os romances franceses.

O objetivo do texto é demonstrar a partir do livro *Deslocamentos do Feminino* de Maria Rita Kehl, como Flaubert construiu a imagem do feminino de sua personagem Emma Bovary, exemplo da mulher burguesa, entediada e insatisfeita. Em *Madame Bovary*, Emma simboliza a imagem da mulher burguesa do século XIX, que ansiava por algo além do casamento e da maternidade.

Palavras-chave: Feminino, literatura francesa, século XIX

Abstract

The text approaches the construction of the feminine image from the occurred social transformations in centuries XVIII and XIX. For this, the influence of the romantic texts is taken in consideration, mainly the French romances.

The objective of the text is to display from the book *Deslocamentos do Feminino* of Maria Rita Kehl, as Flaubert constructed the image of the feminine one of its personage Emma Bovary, example of the bourgeois, bored and unsatisfied woman. In *Madame Bovary*, Emma symbolizes the image of the bourgeois woman of century XIX that it yearned for something beyond the marriage and of the maternity.

Key words: Feminine, French literature, century XIX

O que denominamos de 'feminilidade' é produto de um adestramento permanente do corpo e das incessantes chamadas à ordem (...)
Pierre Bourdieu

Introdução

A questão do feminino é tão antiga quanto a própria história da humanidade. Desde o surgimento do homem e da mulher houve um estabelecimento de papéis e uma tomada de poder. Dependendo da sociedade e da época poderia ser matriarcal, patriarcal ou outra. A definição dos papéis, importante e necessária até certo ponto, obrigou, condenou um gênero e outro a uma cristalização do seu modo de viver, pensar e agir. Assim se estabeleceu o ser feminino e o ser masculino e as suas implicações em cada momento e sociedade.

Na passagem do século XVIII para o XIX, no nascimento da Era Moderna, o papel feminino vai sofrer transformações, assim como o masculino também. A angústia passa a ser uma palavra e um sentimento presente no vocabulário psicanalítico e na vida das mulheres desse período.

O descontentamento com a vida de esposa e mãe acaba por gerar uma ruptura na imagem de feminino destinada às mulheres. Elas querem mais. Elas têm acesso aos romances e querem vivê-los no seu cotidiano.

As transformações dos séculos XVIII e XIX

O século XIX foi marcado por várias transformações históricas e econômicas, por exemplo, a consolidação da burguesia, que culminou em mudanças sociais que até hoje, início do século XXI, sofremos as influências, como no modo de produção e apropriação das mercadorias.

As transformações ocorridas no século XIX foram reflexos das revoluções

* Lucimara Leite - Professora Doutora da Universidade Nove de Julho (UNINOVE)

Francesa e Industrial ocorridas no século anterior. A burguesia se organiza e assume o poder na condição de classe social, e ainda no final século XIX, vemos surgir a Psicanálise que irá inquietar e muito essa nova classe, mas, mais especificamente, ou melhor, com uma atenção especial, essa nova ciência se voltará para a mulher burguesa.

Neste texto, verificamos as mudanças ocorridas no dia a dia das mulheres burguesas a partir das transformações que ocorreram no século XIX. Para tanto, utilizaremos o livro *Deslocamentos do Feminino* de *Maria Rita Kehl*, no qual a autora analisa a obra *Madame Bovary* de *Flaubert*, se atendo principalmente à personagem principal Emma Bovary: um exemplo da mulher burguesa insatisfeita com a própria vida e ao mesmo tempo incapaz de compreender e assimilar o que gerava essa insatisfação. Outro texto usado está no volume IV da *Vida Privada*, o capítulo escrito por *Alain Corbin*, no qual ele aborda a questão das históricas e sua proliferação nessa nova sociedade. Tanto *Maria Rita Kehl* quanto *Alain Corbin* trabalham com a hipótese de as mulheres burguesas estarem infelizes por conta de sua não realização pessoal na vida, ou seja, que os papéis de esposa e mãe eram insuficientes às perspectivas e anseios das mulheres do século XIX. Mas por que um modelo tão arraigado como esse - da mulher como sinônimo de esposa e mãe - não mais satisfaz às mulheres burguesas?

Para esclarecer as causas dessa angústia sofrida por boa parte das mulheres burguesas é preciso voltar ao século XVIII. O movimento chamado Iluminismo tinha por objetivo levar conhecimento de forma enciclopédica às pessoas de modo geral. O Iluminismo visava ampliar a cultura, tanto de homens como de mulheres. Às mulheres da aristocracia e da incipiente burguesia era destinada uma educação formativa (formativa aqui usada como "preparatória para o casamento"), dada pelos conventos ou professores particulares. Essa educação formativa se constituía basicamente num "verniz de cultura" (KEHL, 1998, p. 64) para que as moças e futuras esposas pudessem agradar aos rapazes e futuros maridos, seu conhecimento deveria ser então superficial e abrangente, não caberia a uma moça se aprofundar em assuntos filosóficos ou políticos. Porém, as ideias iluministas - de valorização da autonomia do cidadão (paradoxal em relação às mulheres) - repercutiram bem entre as mulheres, por exemplo, no que tange à igualdade entre os sexos. Os enciclopedistas não avançaram muito,

mas foi uma evolução, no sentido de fomentar discussões quanto à posição e ao papel que a mulher deveria ocupar na sociedade. Um exemplo disso é a quantidade de autores que escreveram sobre as mulheres e, principalmente, aí sim um avanço, as ideias de Condordet em seu texto *Sur l'admission des femmes au droit de cité*, onde ele aborda a importância da igualdade e a capacidade intelectual das mulheres.

Os ideais iluministas, igualdade e liberdade, deram origem mais tarde, ainda no século XVIII, à Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão e à Revolução Francesa, sendo que esta última teve a participação ativa das mulheres, como agitadoras que reclamavam por seus direitos junto à linha de frente do movimento. A reivindicação dessas mulheres¹, era a garantia de seus direitos e papéis aos atribuídos aos homens. O direito de não mais serem reconhecidas por sua função natural de parir a partir de um órgão, o útero, mas sim, como mulheres capazes tanto quanto os homens intelectualmente, todavia, diferentes por serem mulheres e o direito de se sentirem diferente dos homens, discurso ainda atual.

Esses dois movimentos do século XVIII, o Iluminismo e a Revolução Francesa, modificaram a estrutura da sociedade inteira, a própria burguesia com a abolição do sistema feudal, pela Revolução Francesa, passa a ter uma influência muito maior no poder, o poder passa das mãos da aristocracia para as mãos da burguesia. A Revolução Industrial ampliou esse poder e criou uma nova classe, o proletariado, que tem sua existência pautada nos conflitos de lutas de classe com a burguesia.

É nesse contexto histórico-social que ocorre a virada do século XVIII para o século XIX, mais do que a passagem de um século para o outro, simbolizou a transição do antigo regime para a era moderna.

As mulheres que possuíam uma educação de verniz começaram a sentirem-se insatisfeitas com essa cultura de aparências; isso as levou a procurar

¹ Algumas mulheres participavam de revoltas e agitações, isso pode ser comprovado nos textos: *Mouvements populaires et conscience sociale, XVI-XIXe siècle* e *Cahiers de doléances des femmes et autres textes*; ambos citados no volume IV da História das mulheres.

mais informações². Essas informações vieram por meio da produção de romances endereçados a elas. O Romantismo, movimento estético-cultural do século XIX, contribuiu para a invenção do "amor burguês", sentimento produzido para justificar o casamento, pois as alianças entre famílias para manter o poder aristocrático não mais justificavam o casamento numa sociedade burguesa e proletária. A nova configuração social que a sociedade do século XIX desenhou, fez a mulher burguesa desejar ser outra pessoa, alguém que não fosse mais só identificada e destinada a ser esposa e mãe.

E é dessa vontade de ser outra, da frustração com o cotidiano e da angústia por não conseguir (ou não saber) expressar essa fusão de sentimentos que *Maria Rita Kehl* aborda em seu livro. A sua escolha pela personagem Emma Bovary é precisa, a protagonista adéqua-se, como uma luva, às questões vividas por uma parcela das mulheres da época.

No romance, Flaubert descreve Emma como uma moça comum do seu tempo, é educada num convento, e ao sair dele vai morar numa fazenda junto com o pai adoentado que recebe constantes visitas de seu médico, Charles Bovary. Com a presença de Emma, Charles passa a visitá-los mais e como pretendente dela. Emma casa com Charles e pouco depois ela se entedia pela situação em que vive, que está longe de ser igual aos romances que ela leu na adolescência. Percebendo o tédio da esposa, Charles resolve mudar, na tentativa de que novos ares fariam bem à esposa. No novo local, Yonville, eles conhecem Homais, o protótipo do burguês da época, e Léon, um jovem aprendiz de escrivão por quem Emma se apaixona.

Nesse momento, Emma engravida e sonha ter um filho homem. Nasce uma menina, que não lhe desperta os sentimentos maternos. Ainda apaixonada por Leon, hesita em concretizar tal paixão, pois é uma mulher virtuosa. Léon parte para Rouen, há um sentimento de vazio interior em Emma, ela deseja que algo aconteça. É quando ela conhece Rodolphe, um homem rico, mais velho que Léon e um grande conquistador. Rodolphe percebe a disponibilidade de Emma e se aproxima. Emma está feliz em ser e ter um amante (o que para ela

² Mais informações sobre envolvimento cultural das mulheres como, por exemplo, na produção de textos verificar: *A experiência burguesa: a educação dos sentidos* de P. Gay e o volume IV da *História das mulheres*.

significava o mesmo que ter um poder), ela inicia uma fúria consumista, assina promissórias e chega até a vender imóveis. Nesse mesmo período ela se decepciona com o fracasso de Charles na cirurgia de um paciente. E quando Rodolphe percebe a intensidade do envolvimento de Emma, ele se afasta, com a desilusão, ela cai em grande prostração.

Durante sua recuperação Emma e Charles vão passear em Rouen e encontram Léon. Emma fica em Rouen com Léon sob o consentimento de Charles. A nova relação de Emma com Léon dá a ela uma posição privilegiada, Emma se encontra numa posição viril. Ela é a amante experiente que introduzirá Léon nas artes eróticas. Quando Emma percebe que o amor está se desvanecendo, aumenta, em contrapartida, sua sede de consumo, o que causará o seu fim. As suas dívidas tomam dimensão desproporcional, Emma procura ajuda de Léon e de Rodolphe em vão, diante das negativas, ela busca a opção no suicídio.

Flaubert escreve toda essa história a partir de uma manchete de jornal sobre o suicídio da mulher de um médico. Na época em que foi editado 1856, o livro recebeu severas críticas em relação à influência que poderia provocar nas moças. Porém, Flaubert, como um artista engajado com os acontecimentos de sua época, as mudanças no modo de viver, soube captar as transformações daquela sociedade (ascensão da burguesia), para compor a sua personagem. Emma era o arquétipo das mulheres daquela condição histórico-cultural, a mulher que recebe instrução, conhecimento e mais uma literatura romântica de fantasias e amor voltada especialmente para ela, tudo isso antes do casamento. Provavelmente a leitura preferida de Emma fosse os românticos franceses: Victor Hugo (*Notre-Dame de Paris*), Stendhal (*Do amor e O vermelho e o negro*), Balzac (*A mulher de trinta anos*), Alexandre Dumas (*Os três mosqueteiros*, *O conde de Monte Cristo* e *A rainha Margot*) e talvez o alemão, Goethe (*Os sofrimentos do jovem Werther*). O que há de comum nesses textos são as consequências trágicas que uma paixão desenfreada pode levar. O romantismo traz consigo o chamado mal do século: a melancolia é um estado psíquico de depressão sem causa específica. Caracteriza-se pela falta de entusiasmo e de predisposição para atividades em geral. Esse estado foi algo comum principalmente entre as mulheres burguesas que como disse Balzac, em sua obra citada acima: "casada,

ela deixa de se pertencer, é a rainha e a escrava do lar". A mulher burguesa desse século sente-se entediada, busca vida, refúgio na Literatura e encontra lá seus heróis com quem sonha e deseja.

Esses acontecimentos vêm de encontro à sua formação para viver o "amor burguês", que se concretizará no casamento burguês, no qual ela se realiza enquanto mulher como esposa e mãe. Partindo disso, o que a espera é um casamento que, na maioria das vezes, a escolha não é completamente livre e descompromissada. O casamento com uma pessoa plana (KEHL, 1998, p. 143) e a frustração do cotidiano levaram algumas mulheres à angústia, e o pior foi que elas não souberam expressar e codificar esse sentimento. No entanto, a sociedade em coro repete que elas são felizes e devem ser felizes. O fato dessas mulheres não serem felizes quando tudo está "perfeito" indica algo de errado com elas. A expressão de infelicidade dessas mulheres era demonstrada pela busca de aventuras fora do casamento; essas aventuras poderiam ser com amantes ou mesmo com uma tentativa de participação na vida externa por meio da política ou da literatura.

Maria Rita Kehl faz um percurso muito interessante na escolha e divisão de cada uma das quatro partes em que se compõe o livro. Na primeira parte, ela aborda questões referentes ao conceito de sujeito e feminilidade que começam a entrar em discussão no século XIX. A segunda parte trata de *Flaubert* e sua personagem Emma Bovary, a autora analisa o percurso da construção do ideal feminino. Na terceira parte, ela apresenta a abordagem e o relacionamento de Freud com as mulheres e a feminilidade. A última parte, a conclusão, é apresentada de modo a conciliar e ver os resquícios que o conceito de mulher e feminilidade ainda apresentam nas mulheres de hoje.

O que percebemos com a leitura deste livro é que o conceito de feminilidade e mulher, tido como sinônimo de casamento, cuidar da casa, ter filhos e ser feliz, foi criado pelos homens. A crise se instaura quando moças educadas, mesmo que superficialmente, se veem obrigadas a uma rotina plana, completamente diferente da esperada e desejada, a partir das leituras literárias nas quais se falavam de mulheres/heroínas de modo ambíguo, mãe/amantes. Tal descontentamento com a vida irá se agravar ainda mais a partir do Romantismo em 1820, pelo fato dessas mulheres se identificarem e desejarem uma vida

como a das mulheres dos romances. Os dramas individuais passam a ser relatados, as histórias passam a retratar o cotidiano social, no Romantismo escreve-se sobre os sentimentos pessoais, *Madame Bovary* é um exemplo desses textos, uma literatura de evasão.

O fato do sujeito, a mulher, estar em crise impõe um questionamento acerca da própria imagem de mulher, quem é essa mulher burguesa que vive em uma sociedade urbana a partir da segunda metade do século XIX? Já sabemos que é uma mulher educada, inteligente e sensível, acompanha de perto os acontecimentos culturais da época, portanto tem acesso e sabe das mudanças.

Porém, essas mesmas mulheres passam por uma transformação após o casamento. Os sintomas que já se mostravam na puberdade, com a chegada das regras, agora se acentuam, são as chamadas "doenças femininas". Os médicos acreditavam que os males e sofrimentos das mulheres se relacionavam com o seu sexo, e o casamento seria o remédio para sanar os sofrimentos femininos. Mas esse mesmo remédio, o casamento, levaria a mulher a um cotidiano de insatisfações que resultaria na aparição da figura da histérica:

Os antigos atribuem o mal a manifestações independentes de um útero que agiria como um animal, oculto no interior do organismo. Assevera-se assim a independência do desejo, cujo poderio submerge a vontade e exterioridade do corpo em relação à pessoa. Durante a crise, a mulher é trespassada por forças obscuras que a ultrapassam e simultaneamente a inocentam (CORBIN, 1991, p. 572).

Os médicos eram quase que unânimes em vincular a histeria à natureza feminina, ou seja, ao seu corpo. A mulher sempre foi associada ao mistério e ao desconhecido em nossa cultura, esse papel lhe foi traçado pelo próprio homem com medo de que a sua ignorância quanto 'à mulher (e a si mesmo) lhe trásse, e com isso fosse descoberta a sua grande inquietação, a questão filosófica que nos perpassa desde o início de saber quem somos. Então, foi mais fácil mascarar, rotular e dominar sem questionar o porquê da verdadeira origem do problema que as mulheres sofriam. O que ajudou a transpor o problema para o outro.

A histeria foi por muito tempo, desde o final do século XVIII, uma doença

associada à mulher. O que estava por trás da histeria, além da insatisfação com a vida, era a busca pela identidade. A identidade de esposa e mãe não mais satisfaziam aquelas mulheres, elas buscavam maior autonomia sem a tutela de um homem, afinal lhes são prometidas tantas formas de pluralidade emocional, por meio dos romances literários antes do casamento e, depois o que lhes resta é a dicotomia entre esposa e mãe.

É evidente que essa insatisfação não é só feminina, mas tem nela, a mulher, a sua maior representante. O homem também está assustado e preocupado com o crescente caráter competitivo que se instaura na sociedade burguesa, os índices de suicídio e alcoolismo são altos. A insatisfação é generalizada, temos uma fotografia literária disso nos textos de Victor Hugo (*Os miseráveis*) e Zola (*Germinal*), nos quais eles descrevem as perturbações urbanas decorrentes das transformações sociais. Mas é a mulher que subverte a ordem e grita por atenção, representa um papel, que lhe foi atribuído, que está além do seu controle, quer mudar suas perspectivas, porém não sabe como.

Um exemplo dessa dualidade de papéis exigidos tanto do homem como da mulher na sociedade é o quadro *O juramento dos Horácios* (1784-5) de David, uma pintura do período Neoclássico do fim do século XVIII, inspirada nos ideais que associam o mártir e o herói, princípios éticos que influenciaram a Revolução Francesa. O quadro possui três momentos, no canto esquerdo os três filhos de Horácio, prontos para ir para a guerra com os braços estendidos prestando o juramento ao pai que se encontra no meio do quadro com os braços elevados segurando as espadas, e no canto direito, estão as mulheres dos filhos prostradas em sua tristeza:

Assim se completa a demonstração, de natureza teatral: à virilidade voluntária, em que o ser se esquece de si mesmo diante de um dever sangrento, opõe-se a feminilidade sensível, que não pode encarar a morte e que se deixa subjugar pelo horror" (STAROBINSKI, 1988, p. 73).

A nossa sociedade, ainda hoje, conserva e reproduz essa dicotomia de papéis na qual o homem deve mostrar-se sempre forte e viril e conseqüentemente a mulher o seu oposto complementar de frágil e feminina. A sociedade burguesa desde o final do século XVIII vem tentando moldar e enquadrar homens e mulheres em seus respectivos papéis de masculino e

feminino. O simples fato de nascer homem ou mulher significa muito, não é nem de longe um fato neutro. Ao nascer com um ou outro sexo, todas as nossas ações futuras já estão determinadas desde a escolha de roupas até a escolha da profissão. E o grande problema tanto de homens como de mulheres é tentar se enquadrar nos conceitos que formam as palavras masculino e feminino. Como se um conceito pudesse abarcar toda a complexidade que envolve o ser humano. Isso, sem falar nas várias culturas que interferem no modo de ser e agir de cada um, afinal, nascer mulher no ocidente é diferente de nascer mulher no oriente, por exemplo.

Apesar de todo o moralismo e formalismo do século XVIII, houve exemplos de mulheres que transcenderam as barreiras "burguesas" que lhes limitavam as ações. O primeiro foi Emma Bovary, que por meio de seu relacionamento com seus amantes acreditava poder ter outra vida. O segundo exemplo é o das históricas que buscavam no teatro de Salpêtrière a fuga para outro mundo por meio da personagem que representavam "mulheres obedientes" (CORBIN, 1991, p. 576).

Representação que era reinterpretada pelas atrizes nos palcos com o objetivo de dar aos homens a realização do mistério de seus próprios desejos: "O teatro da histeria é talvez a simples tática de um sutil gerenciamento do desejo masculino; e é, sobretudo, o sintoma, e talvez a inconsciente terapêutica, do mal-estar do homem." (*Idem*, p. 576)

Considerações finais

Ainda hoje esse "gerenciamento do desejo masculino" persiste enquanto tática de domínio e poder sobre as mulheres, é disso que trata o livro de Pierre Bourdieu, *A dominação masculina*, o autor acredita que mesmo após toda a conquista do movimento feminista, a mulher ainda possui na sociedade um lugar que lhe é designado pelos homens. O exemplo da vestimenta se enriquece ainda mais se associarmos a este a "ditadura da moda", pela qual as mulheres investem tanto tempo e dinheiro para conseguirem alcançar o seu objetivo, qual seja, estarem desejáveis aos olhos masculinos. Ainda podemos comparar o conceito de feminino, apresentado pela burguesia desde o século retrasado, que possui o seu deslocamento arraigado ao

desejo do homem, com o conceito atual, agradar aos homens dentro das funções que estes conferem à mulher, seja como esposa, mãe ou objeto desejável.

Podemos perceber que há ainda traços comuns entre as mulheres do século XIX e as mulheres atuais. Apesar de toda a evolução técnica que houve, o papel destinado às mulheres ainda é o de agradar aos homens. A moda e principalmente a mídia possuem um lugar de destaque na formação desse imaginário, do desejo “intangível” de agradar. Juntas, moda e mídia, dominam e determinam hoje, como faziam os romances do século XIX, o modo como as mulheres devem se comportar.

E o desejo das mulheres? Ele se traduz na justaposição de realizar o desejo dos homens?

Afinal, estamos ainda por escrever o conceito de feminino, partindo para tanto, das vozes das próprias mulheres que construíram e constroem a história que começa a ser escrita, através de trabalhos como de Michelle Perrot, *História das Mulheres*, para que possamos enfim responder à questão de Freud, o que quer uma mulher, e também descobrir quem são as mulheres. E assim, definir o conceito de feminino.

REFEFÊNCIAS

- DUBY, G. & PERROT, M. **História das mulheres**. Porto: Afrontamento, s/d.
- BOURDIEU, Pierre. In: DA SILVA, Juremir Machado. A ciência do real. **Folha de S. Paulo**, Caderno Mais, 07/02/99, p.5.
- CORBIN, Alain. Gritos e cochichos. In: **História da Vida Privada 4**. São Paulo: Cia das Letras, 1991.
- GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos**. São Paulo: Cia das Letras, 1988.
- KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos de Feminino**. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- STAROBINSKI, Jean. **1789: os emblemas da razão**. São Paulo: Cia das Letras, 1988.